



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.06.01.p106-121>

## **A solidariedade palotina com os migrantes** *The pallottine solidarity with migrants*

Denilson Geraldo\*

### **Resumo**

O artigo apresenta o atual carisma palotino no apostolado com os migrantes em conexão com a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, bem como a história vivida por São Vicente Pallotti. São quatro aspectos que se relacionam entre si, mas sistematicamente estudados: antes de tudo a experiência da migração no Antigo Testamento e o mandamento de Deus ao povo judeu para amar os migrantes, porque também eles foram migrantes no Egito. No Novo Testamento, Jesus Cristo foi identificado como migrante, quando a primeira comunidade cristã foi enviada a anunciar o Evangelho a todos os povos e recomendou a acolhida e a hospitalidade aos estrangeiros. O segundo ponto é a ação apostólica de Pallotti com os migrantes devido ao deslocamento em massa no século XIX e o cuidado necessário aos migrantes italianos, seja pela necessidade espiritual seja pela solidariedade social. Os primeiros Palotinos foram também para os Estados Unidos, Brasil, Argentina, Uruguai, entre outros países. A terceira parte é sobre o ensinamento da Igreja a respeito da migração, começando por Pio XII, passando pelo Vaticano II e alcançando o atual pontificado de Francisco. Em conclusão, há uma proposta para o apostolado universal e sinodal realizado pela família Palotina.

**Palavras-chave:** Migração. Palotinos. Mobilidade Humana. Sinodalidade.

---

\* Doutor em em Direito Canônico pela Pontificia Università Lateranense de Roma. Professor do Instituto de Direito Canônico Santa Catarina e do Instituto de Direito Canônico de Londrina. Contato: [denil.ge@gmail.com](mailto:denil.ge@gmail.com)

Uma versão deste texto foi publicada originalmente em italiano na Rivista Apostolato Universale sob o título *La solidarietà palottina con i migranti* (GERALDO, 2019).



### **Abstract**

*The article presents the current Pallottine charism on the apostolate with migrants in connection with Holy Scripture and the Magisterium of the Church, as well as the history lived by St. Vincent Pallotti. There are four aspects that relate to each other but are systematically studied: first of all the experience of migration in the Old Testament and God's commandment to the Jewish people to love the migrant because he too was a migrant in Egypt. In the New Testament, Jesus Christ is identified as a migrant, while the first Christian community was sent to proclaim the Gospel to all peoples and recommended welcoming and hospitality to foreigners. The second point is Pallotti's apostolic action with migrants due to the mass displacement in the nineteenth century and the necessary care for Italian migrants both for spiritual necessity and social solidarity. The first Pallottines also went to the United States of America, Brazil, Argentina, Uruguay, etc. The third part is on the ecclesial teaching on migrations beginning with Pius XII, passing through Vatican II and achieving the current pontificate of Francis. In conclusion there is a proposal for the universal and synodal apostolate carried out by the Pallottine Family.*

**Keywords:** Migration, Pallotti, Human Mobility, Synodality.

## Introdução

A atual situação da migração no mundo é sem precedentes porque estamos diante de um movimento de massa que não tem perspectiva de terminar, ao contrário, com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, tende a intensificar-se e a crescer mais. A pesquisa apresentada neste artigo é uma contribuição para a reflexão sobre o tema da migração na esfera do carisma palotino, que, por sua vez, encontra fundamento, como todos os carismas da Igreja, na pessoa de Jesus Cristo. Anteriormente o povo de Israel já havia feito uma experiência migratória e essa experiência formou a consciência de que o migrante também é amado por Deus e de que essa é uma vida mais desafiadora que aquela dos que vivem no mesmo lugar. A preferência de Deus por aqueles que são privados dos direitos humanos é demonstrada no mandamento de Dt 10,19, que exorta a amar o migrante porque Israel também foi migrante. Entretanto, para os cristãos, o ponto de referência da prática da acolhida é Jesus Cristo, que, desde criança, teve a necessidade de fugir da inveja de Herodes. Encontramos ainda, na sua genealogia, o nome de Rute, uma forasteira moabita acolhida por Boaz. A teologia do quarto Evangelho afirma que o Senhor veio, mas não foi acolhido.

A primeira comunidade cristã, pelo mandamento do Senhor por um apostolado universal, fez uma experiência da migração e da acolhida. Para os primeiros cristãos, a hospitalidade era uma virtude pela qual se acolhia o próprio Cristo que vinha visitar, na pessoa do migrante, a comunidade ou a família. Desse modo, via-se já uma prática na qual a Igreja é uma família, é o povo de Deus, para o qual não existem estrangeiros nem forasteiros.

A experiência de um apostolado universal atingiu São Vicente Pallotti, especialmente no seu trabalho no Colégio Urbano e no Colégio Irlandês. São Vicente conhecia bem a situação dos migrantes na Europa do séc. XIX, que, por necessidade de trabalho, foram especialmente para Inglaterra e França. Essa situação social motivou São Vicente para um trabalho missionário com os migrantes italianos em Londres e, para isso, enviou, em 1839, o Pe. Rafael Melia para o cuidado pastoral, social e para a construção da igreja italiana chamada São Pedro.

O recente magistério da Igreja reconheceu o sentido missionário e do apostolado universal de São Vicente Pallotti quando Pio XII – na Constituição Apostólica *Exsul familia* (1952) – considera o fato histórico da construção da igreja de Londres como um autêntico trabalho com os migrantes e, por consequência, um elemento do carisma palotino.

O Magistério seguinte, do papa João XXIII, enfrentou o fenômeno do êxodo rural e o rápido desenvolvimento do processo de industrialização e, como consequência, coube à Igreja, por conta dessa situação social, um apostolado que respondesse às novas necessidades da população.

O Concílio Vaticano II aprofundou o tema da mobilidade humana em diversos documentos, mas destacou o ofício pastoral dos bispos pelos migrantes e itinerantes, envolvendo também as conferências episcopais.

Depois do Concílio Vaticano II, Paulo VI pediu que fosse organizado um apostolado com os migrantes, utilizando, no cuidado pastoral, sacerdotes da mesma língua e nação do migrante. Entretanto, o Pontífice pediu também a superação de uma atitude estritamente nacionalista por parte dos países que receberam os migrantes, com a necessária acolhida como sinônimo de uma expressão da caridade eclesial.

João Paulo II viveu durante o processo de globalização. No meio dessa nova realidade, promulgou o novo Código de Direito Canônico para a Igreja Latina e Oriental, estabelecendo o tema da migração no direito eclesial. O Papa pediu<sup>1</sup> também a superação do medo e da desconfiança no

---

<sup>1</sup> GASDA, *Globalização e migração: implicações ético-teológicas*, in *Perspectiva Teológica*, 41, 2009, p. 201.

confronto com os refugiados e que a Igreja acolhesse os estrangeiros através de uma educação solidária.

Bento XVI pediu uma política de cooperação internacional entre os Países de origem e de destino dos migrantes, protegidos por um sistema legislativo no qual a pessoa e os direitos humanos sejam protegidos.

Francisco, por sua vez, exorta os países a acolherem generosamente os migrantes, a fim de criar, ao contrário de um processo de isolamento, uma nova síntese cultural. Foi marcante sua visita à ilha de Lampedusa, quando pronunciou um discurso profundamente existencial, depois da morte de tantos migrantes no mediterrâneo: “quem é responsável por esse sangue?”<sup>2</sup>

Esses três pontos preparam uma proposta de solidariedade palotina com os migrantes, fundada no apostolado universal e na sinodalidade. De fato, como a Família Palotina pode responder a esse drama social e a essa necessidade eclesial do apostolado com os migrantes em uma perspectiva de envolvimento de todos os carismas, próprio da identidade palotina? A resposta virá sempre a partir da necessidade local de cada realidade em comunhão com a Igreja local e realizada de forma associativa.

## O tema da migração nas Escrituras: A experiência de ser migrante no Antigo Testamento

O tema da migração, além de estar presente na experiência humana, é contemplado também nas Sagradas Escrituras. No Antigo Testamento, o acolhimento dos estrangeiros se torna um imperativo (Lv 19,34; Dt 24,17-22), embora houvesse o temor de que esse contato pudesse levar a uma perda da pureza religiosa e, por consequência, da identidade nacional (Dt 13,6-9). Entretanto, o estrangeiro devia ser tratado do mesmo modo que os membros da própria comunidade (Lv 19,34 e Dt 1,16; 24,17; 27,19), demonstrando que Deus tinha uma atenção especial pelos fracos (Ex 22,21-22; Dt 10,17-19) e, portanto, era proibido abusar deles por causa de sua fraqueza (Ex 22,20; Jr 7,6; Dt 24,14). Scaiola afirma que as Escrituras sugerem com frequência a reflexão dos fiéis sobre migração, não somente convidando o povo de Israel a tolerar o desconhecido sem oprimi-lo, mas ordenando: “Amarás o migrante, porque tu foste migrante no Egito” (Dt 10,19).<sup>3</sup>

Conforme o testemunho bíblico, vagar faz parte da vocação do povo de Deus. Em Dt 26,5 a profissão de fé recorda o fato histórico que o povo vagava no Egito: “Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com um punhado de gente e ali viveu como estrangeiro”. O Salmo 107,4 descreve que o povo andava “vagando na solidão do deserto, sem achar o caminho para uma cidade habitada”. Vagar significa uma vocação ao percurso, ao processo, ao movimento, herdado do testemunho do povo de Deus. Vagar é humano, é uma parte fundamental da existência e da criatividade<sup>4</sup>.

## Jesus Viveu como migrante

Como os antigos Patriarcas, Jesus “armou sua tenda no meio de nós” (Jo 1,14), depois de ter deixado sua “pátria” sobrenatural (2 Cor 8,9). Estrangeiro em terra estrangeira, na sua genealogia tem lugar o nome de Rute, uma forasteira moabita acolhida pelo povo da aliança por causa da benevolência

<sup>2</sup> FRANCESCO, *Chi ha pianto oggi nel mondo?*, in *L'Osservatore Romano*, anno CLIII, n. 55 (46.399), lunedì-martedì 8-9 luglio 2013, p. 1.

<sup>3</sup> SCAIOLA, D. *Donne migranti o straniere: Re-interpreti della fede d'Israele*, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV - Número 29 – 2007, p. 164.

<sup>4</sup> UETI, P. *Só na busca há o encontro: mobilidade humana como caminho espiritual*, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XIV - Números 26-27, 2006, p. 240.

de Boaz (Mt 1,5). Jesus nasce entre os animais domésticos em um estábulo, porque, para ele, como para tantos migrantes, não havia lugar (Lc 2,7)<sup>5</sup>.

Na realidade, muitos episódios foram apresentados no Novo Testamento a respeito da migração, como, por exemplo: a peregrinação da Sagrada Família de Nazaré no Egito – os primeiros migrantes neotestamentários, vale especificar (Mt 2,13-23); também a parábola do bom Samaritano, que mostra a preocupação pelos estrangeiros (Lc 10,25-37). De fato, Cristo se identificou como estrangeiro e demonstrou, pela sua experiência familiar, que a acolhida faz parte do seu seguimento. O Evangelho de Mateus descreve a cena do dia do juízo com a pergunta: “Senhor, quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos?” (Mt 25,38).

O Quarto Evangelho diz: “estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o acolheram” (Jo 1,10-11). Segundo o evangelista, Jesus é incompreendido porque o mundo e Deus se tornaram reciprocamente estrangeiros (Jo 6,42; 7,27-29; 8,19; 9,29). Jesus é ainda um estranho em relação a seus parentes (Jo 7,5) e aos seus discípulos (Jo 21,12). Ele é o estrangeiro que vem do mundo celeste (Jo 8,14) e para ele retornará (Jo 7,35)<sup>6</sup>.

### A acolhida ao migrante na primeira comunidade

Para a primeira comunidade cristã, a acolhida e a hospitalidade se tornaram atitudes fundamentais e práticas pertinentes. Quando viajavam para difundir o Evangelho, os cristãos dependiam da acolhida e da hospitalidade que recebiam, às vezes programada (At 18,27; Fl 2,2), às vezes oferecida espontaneamente (At 16,15).

Estrangeiros e peregrinos sempre aparecem em contextos diferentes; e Jesus e seus discípulos, conforme os evangelhos, tiveram uma vida pública de pregadores itinerantes (Lc 9,1-6; 9,57-63), aceitando voluntariamente a condição de sem-teto e deixando outras obrigações sociais (Mc 1,17-19; Lc 5,11; Mt 4,20) para pregar o Reino de Deus (Mt 13) e revelar a misericórdia do Pai (Lc 15). Por consequência, dependiam da hospitalidade daqueles que encontravam nas estradas e cidades (Lc 9,4-5). Estes, porém, podiam ser amigáveis e acolhê-los, recebendo-os assim com a saudação da paz, ou então, podiam rejeitá-los, e eles lhes sacodiriam até o pó das sandálias<sup>7</sup>.

Na verdade, o cristianismo cresceu e se expandiu depois da ressurreição de Jesus na Palestina. Os discípulos foram mandados pelo próprio Jesus a todas as nações para pregar a Boa Nova do Reino e para revelar a misericórdia do Pai. Foram enviados para batizar todos os povos, isto é, para mergulhá-los no mistério do amor e da felicidade proposto por Deus para toda a humanidade e que se revela de maneira diferente em cada realidade e cultura.

O cristianismo começou com o povo do campo em pequenas cidades dentro de suas vilas. Entretanto, a expansão das comunidades alcançou as grandes cidades da época. Novos desafios surgiram e novas perguntas foram feitas sobre como proclamar o Evangelho nesse novo contexto. O relato do trabalho missionário, nas Cartas de Paulo às comunidades e nos Atos dos Apóstolos, descreve detalhadamente como a Boa Nova estava se difundindo e formando, nas várias regiões do império, a comunidade, que se tornava, pouco a pouco, o lugar do encontro e a nova casa para os sem-teto<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> BENTOGLIO, Gabriele, *Nuovo Testamento in Migrazioni: dizionario sócio-pastoral*, Edizione San Paolo, Milano, 2010, p. 715.

<sup>6</sup> BENTOGLIO, Gabriele, *Nuovo Testamento*, p. 715.

<sup>7</sup> UETI, P., *Só na busca há o encontro: mobilidade humana como caminho espiritual*, p. 249.

<sup>8</sup> UETI, P., *Só na busca há o encontro: mobilidade humana como caminho espiritual*, p. 251-52.

O Novo Testamento é consciente de que, mediante a cruz de Cristo, em referência à salvação, não existe mais “estrangeiro nem forasteiro”, mas uma única “família de Deus” (Ef 2,19)<sup>9</sup>.

### A ação apostólica de Pallotti com os migrantes

Os movimentos de massa no século XIX ocorreram principalmente de países católicos, menos ricos e superpovoados, em direção a áreas de maior industrialização e com melhores oportunidades econômicas. No que diz respeito à Itália, principalmente no início, os pontos de convergência eram a França e a Inglaterra<sup>10</sup>. Padre Vicente era confessor dos estudantes dos colégios escocês e irlandês e teve contatos assíduos com essas duas instituições romanas. Por meio de ambas, acompanhou a difícil situação dos católicos no Reino Unido.

Pallotti era estreitamente ligado às migrações na Europa, nas primeiras décadas do séc XIX. O movimento migratório de massa aconteceu dos países católicos, menos ricos, para regiões de maior industrialização e de melhores oportunidades econômicas. Na realidade, o migrante procurava trabalho e uma estabilidade econômica para sua família<sup>11</sup>

Em 1839, foi pedido a Pallotti para enviar um sacerdote de sua Sociedade a Londres, a fim de cuidar da Capela Real da Sardenha, fundada pelo rei da Sardenha e do Piemonte para os emigrantes italianos católicos. Padre Vicente imediatamente falou ao Padre Melia, que começou a se preparar e partiu, passando primeiro por Gênova e depois por Turim. A situação dos católicos italianos em Londres não era nada brilhante, possuíam uma pequena igreja, a Capela Real Sarda, administrada por um capelão. São Vicente, em 28 de dezembro de 1845, enviou ao cardeal, prefeito da Propagação da Fé, um relatório a respeito da situação dos italianos que, em sua grande maioria, eram operários dispersos na grande cidade e viviam em grupos de trinta ou quarenta pessoas em casas miseráveis<sup>12</sup>.

O grande interesse de Vicente Pallotti pela Inglaterra era suscitado por duas motivações: a primeira estava ligada a um movimento de solidariedade espiritual dos católicos romanos com os católicos ingleses; a segunda era a difícil situação dos emigrantes italianos em Londres. As duas causas entravam no programa das atividades apostólicas que a obra do Apostolado Católico de Pallotti devia realizar<sup>13</sup>.

A igreja de Londres para a comunidade italiana substituiu a Capela Sarda e foi chamada São Pedro, ou a Igreja Italiana de Londres, tornando-se imediatamente o centro de assistência espiritual, moral, financeira e social dos emigrantes italianos<sup>14</sup>. São Vicente trabalhou intensamente pela construção da igreja para os italianos em Londres, de modo que a comunidade católica italiana pudesse ter um espaço próprio com a necessária autonomia de vida e apostolado.

A migração italiana ocorreu também para os EUA, no final do séc. XIX, e envolveu as autoridades civis e eclesiais. Os bispos dos Estados Unidos se mostravam preocupados com a assistência pastoral dos migrantes italianos que chegavam a dezenas de milhares. Pe. Emiliano Kirner chegou a Nova York, no dia 26 de maio de 1884, e organizou a primeira paróquia para os italianos no bairro de Harlem, construindo o santuário nacional de Nossa Senhora do Carmo<sup>15</sup>.

<sup>9</sup> BENTOGGIO, Gabriele, *Nuovo Testamento*, p. 714.

<sup>10</sup> ISELLA, DOMENICO, *San Vincenzo Pallotti e gli emigranti*, in *L'Emigrato italiano*, 52a annata, n. 1, gennaio 1963, Tip. V. Ferri, Roma 1963, p. 18.

<sup>11</sup> KUPKA, Jan, *Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti*, in *“Migrazioni. Dizionario socio-pastorale”*, a cura di Graziano Battistella, Edizioni S. Paolo, Cinisello Balsamo 2010, p. 740.

<sup>12</sup> TODISCO, Francesco, *San Vincenzo Pallotti profeta della spiritualità di comunione*, Roma 2004, p. 641-642.

<sup>13</sup> KUPKA, Jan, *Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti*, p. 739-740.

<sup>14</sup> PISTELLA Domenico, *San Vincenzo Pallotti e gli emigranti*, p. 18.

<sup>15</sup> KUPKA, Jan, *Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti*, p. 743.

O arcebispo de Nova York, Michael Augustine Corrigan, em uma carta de 28 de outubro de 1887, escrita a João Battista Scalabrini, afirma: “Pe. Emiliano Kirner, palotino, nascido alemão, mas morador por muitos anos no Piemonte, foi para os pobres emigrantes italianos um verdadeiro apóstolo”<sup>16</sup>.

O santuário de Nossa Senhora do Carmo foi o ponto de referência para a comunidade italiana nos Estados Unidos e o lugar onde se desenvolveram várias obras de assistência social aos migrantes<sup>17</sup>. De fato, afirma Stampiglia que “a pastoral dos migrantes, conduzida por sacerdotes palotinos na América, cumpriu a própria missão segundo a tarefa que a Providência lhe atribuiu, em um determinado contexto social histórico (...) de promoção humana”<sup>18</sup>.

No final do séc. XIX, a América do Sul foi o objetivo de muitos migrantes italianos. Nos anos de 1876 a 1905, as estatísticas indicam que migraram para o Brasil um milhão de italianos e, para a Argentina, também um milhão. A Igreja precisava enfrentar essa situação de assistência pastoral para os migrantes<sup>19</sup>. Assim, no dia 12 de maio de 1886, quatro palotinos deixaram o Colégio Missionário de Masio e foram para Montevidéu (Uruguai), onde fundaram a igreja de Nossa Senhora de Lourdes<sup>20</sup>.

Em Julho do mesmo ano de 1886, Pe. Giacomo Pfändler e Pe. Francesco Schuster entraram no Brasil e começaram a organizar a assistência espiritual entre os emigrantes italianos de Vale Vêneto. Surgiram novos povoados que depois se tornaram cidades: Santa Maria, Nova Treviso, Nova Palma, Passo Fundo, Palotina<sup>21</sup>.

Podemos também relacionar, afirma Pe. Jan Kupka<sup>22</sup>, o desenvolvimento histórico da comunidade palotina com os Escalabrinianos, para os quais a finalidade específica é o cuidado pastoral dos migrantes<sup>23</sup>. O beato João Battista Scalabrini (1839-1905), reconhecido como pai dos emigrantes, fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos (Escalabrinianos) e, em 1895, as Irmãs Missionárias de São Carlos (Escalabrinianas), para acompanhar os migrantes italianos nas Américas. Além das duas Congregações religiosas, Scalabrini fundou também uma associação leiga, a Obra São Rafael. Embora as fontes históricas disponíveis até agora não falem do conhecimento direto ou da relação entre o Beato João Battista Scalabrini e São Vicente Pallotti, as suas fundações tiveram um ponto comum que as une, sobretudo na fase inicial: é o apaixonado compromisso deles pela promoção das obras que contribuíram para fazer resplandecer a face missionária da Igreja. Assim esses dois grandes personagens se encontram na esteira do grande despertar missionário que a Igreja viveu no séc. XIX.

<sup>16</sup> Corrigan a Scalabrini, New York, 28 ottobre 1887, in S. Tomasi – G. Rosoli, *Scalabrini e le migrazioni moderne*, Società Editrice Internazionale, Torino 1997, p. 241-242.

<sup>17</sup> KUPKA, Jan, *Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti*, p. 744.

<sup>18</sup> STAMPIGLIA, Fausto, *La pastorale degli emigranti, termini di un’esperienza dei sacerdoti pallottini in America*, Pontificia Studiorum Universitas a S. Thomas Aq., in Urbe, Romae 1979, p. 226.

<sup>19</sup> KUPKA, Jan, *Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti*, p. 744.

<sup>20</sup> FONTANA, Alejandro, *Los Padres palotinos en Uruguay: 1886-2005 - 120 años de história*, Letraeñe Imprenta y Serigrafía, Montevideo 2007; SILVEIRA, Fabian, *La iglesia de Lourdes (1882-2017) en Montevideo y la familia Jackson Errazquin*, Mastergraf, Montevideo 2017.

<sup>21</sup> HETTENKOFER, Johannes, *História da Pia Sociedade das Missões (1835-1909)*, tradutores Pe. Humberto Geller e Pe. Bernardino Trevisan, Biblos Editora, Santa Maria 2003, p. 165-166.

<sup>22</sup> KUPKA, Jan, *Rapporti tra Scalabriniani e Pallottini, appunti per la storia dei legami*, in “L’ecclesiologia di Scalabrini. Atti del II convegno storico internazionale - Piacenza, 9-12 novembre 2005”, a cura di Gaetano Parolin e Agostino Lovatin, Urbaniana University Press, Città del Vaticano 2007, p. 534-535.

<sup>23</sup> SANTA SEDE, *Annuario pontificio per l’anno 2005*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 1449.

## O ensinamento recente da Igreja sobre migrações: De Pio XII ao Concílio Vaticano II

A posição da Igreja<sup>24</sup> sobre a questão da migração se fez notar em 1952, quando, no pós-guerra, as migrações tomaram novas forças e Pio XII publicou a Constituição Apostólica *O êxodo da família de Nazaré (Exsul Familia)*. De fato, como a família de Jesus foi forçada a abandonar a própria terra, também uma multidão de católicos deixava seus países por motivos de trabalho. Pio XII cita o então Beato Vicente Pallotti no número 17:

É bom também recordar a memorável figura do Beato Vicente Pallotti, fundador da Sociedade do Apostolado Católico, que Nós já definimos “decoro e ornamento do clero romano” e, no limiar do último Ano Jubilar, de bom grado inserimos na resplendente fileira dos Beatos. Ele, de fato, cheio de zelo pelas almas e desejoso de reforçar na fé católica os italianos emigrantes na Inglaterra, enviou a Londres alguns de seus companheiros para o cuidado espiritual dos seus compatriotas, e humildemente pediu ao pontífice Pio IX, Nosso predecessor, o qual lhe concedeu, a faculdade de recolher esmolas a fim de erguer na mesma cidade de Londres um templo sagrado em honra de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, especialmente para o uso dos emigrantes italianos.

Com a Constituição apostólica *Exsul Familia*, o Papa aborda de modo global e sistemático, especialmente do ponto de vista canônico, a pastoral para os migrantes. Além de dar uma sistematização orgânica à pastoral, Pio XII analisa o fenômeno migratório do ponto de vista internacional e se detém sobre a liberdade de emigrar para onde existem espaços e possibilidade de trabalho. O Papa recorda também a necessidade do direito ao reagrupamento familiar e a urgência do envolvimento de organismos internacionais. Na realidade, os migrantes devem poder desfrutar de iguais possibilidades de cuidado pastoral que os católicos do lugar, por meio de missionários que falem a mesma língua dos migrantes e tragam a mesma cultura e trabalhem em paróquias particulares (*Exsul Familia*, n. 39). De agosto de 1952, quando foi divulgada a constituição *Exsul Familia*, até novembro de 1964, foram erigidas, em toda a Igreja, 233 missões com essa finalidade<sup>25</sup>.

Em 1961, a Carta Encíclica *Mater et Magistra* do papa João XXIII abordou, nos números de 120 a 122, o tema da evolução da questão social à luz da Doutrina Cristã, referindo-se ao fenômeno do êxodo rural que estava começando a adquirir expressão em diversas partes do mundo, nas quais se desenvolveu o processo de industrialização.

Em muitos dos seus documentos, o Concílio Ecumênico Vaticano II acenou, direta ou indiretamente, ao tema da mobilidade humana<sup>26</sup>, mas referiu o tema da assistência pastoral ao ofício pastoral dos bispos (*Christus Dominus*, n. 18) como responsáveis da pastoral para os migrantes e itinerantes, no contexto da recíproca ajuda que são chamados a dar no interior das conferências episcopais.

<sup>24</sup> GERALDO, Denilson, *Migração e Teologia: o Ethos Cristão in Refugiados, imigrantes e igualdade dos povos: estudos em homenagem a António Guterres*, Editora Quartier Latin do Brasil, São Paulo, 2017, p. 507-514.

<sup>25</sup> TASSELLO, Giovanni, *Pastorale dei migranti*, in “*Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*”, a cura di Graziano Battistella, Edizioni S. Paolo, Cinisello Balsamo 2010, p. 799.

<sup>26</sup> Sacrosanctum Concilium (n. 11, n. 14, n. 19, n. 23, n. 38, n. 41); Lumen Gentium (n. 13, n. 36); Unitatis Redintegratio (n. 18); Christus Dominus (n.6, n. 11, n. 16, n. 18, n. 23); Perfectae Caritatis (n. 2 d); Apostolicam Actuositatem (n. 8, n. 10, n. 11, n. 14); AG (n. 11, n. 12, n. 20); Presbyterorum Ordinis (n. 8, n.10); Gaudium et Spes (n. 6, n. 27, n. 42, n. 59, n. 61, n. 63, n. 65, n. 66, n. 73, n. n.76, n. 79, n.84, n. 87).

## Depois do Concílio Vaticano II

Em 1969, o Papa Paulo VI publicou *O cuidado pastoral dos migrantes*, baseado no Concílio Vaticano II, para esclarecer que os migrantes possuem seu patrimônio cultural e têm o direito de vê-lo reconhecido e respeitado na pastoral que lhes é dirigida, e pede por uma organização em torno do princípio do sacerdote da mesma língua e nação, com um patrimônio cultural semelhante ao dos migrantes.

O moto próprio *Apostolicae Caritatis*, escrito também por Paulo VI, em 1970, cria, juntamente com a Sagrada Congregação para os Bispos, a Pontifícia Comissão para a Pastoral dos Migrantes e do Turismo, pois a ação pastoral tende a atingir não somente aqueles que vivem dentro dos limites circunscritos das paróquias, mas se estende àqueles que, por escolha ou necessidade, deixam seu lugar de residência.

Por ocasião do 80º aniversário da publicação da encíclica *Rerum Novarum*, Paulo VI apresentou a Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, continuando a refletir sobre as mudanças sociais na busca de uma resposta às novas exigências de um mundo que muda, e que deixou a situação precária para um grande número de trabalhadores migrantes. Conforme lemos no n. 17 da Carta Apostólica:

Pensemos também na situação precária de um grande número de trabalhadores emigrantes (...), apesar de sua real participação no esforço econômico dos países que os acolhem. É urgente que ao confrontá-los se saiba superar a atitude estritamente nacionalista, para criar um estatuto que reconheça o direito à emigração, favoreça a sua integração, facilite a sua promoção profissional e permita a eles o acesso a uma habitação decente, onde, se necessário, possam reunir suas famílias (...). É dever de todos, e especialmente dos cristãos (cf. Mt 25,35), trabalhar com energia para instaurar a fraternidade universal.

A *Carta circular* às Conferências Episcopais, publicada em 1978 pela Pontifícia Comissão para a Pastoral dos Migrantes e do Turismo, oferecia orientações concretas que completavam os documentos precedentes. É, na segunda parte, que o tema da acolhida é encontrado como sinônimo de “expressão da caridade eclesial” e inclui também a hospitalidade e o apreço para com o imigrante. Enfim, a aceitação é traduzida em testemunho cristão (n. 22), sendo naturalmente chamada a exprimir-se concretamente em especiais iniciativas pastorais (n. 25). A carta convidou também as paróquias a organizar a recepção deles, porque o fenômeno da mobilidade humana é um convite à Igreja a realizar a própria identidade e vocação (n. 28).

O pontificado de João Paulo II (1978-2005) coincide com a aceleração do processo de globalização, mas teve uma preocupação com os marginalizados e desfavorecidos, com as minorias indefesas e com a humanidade abandonada em seu sofrimento<sup>27</sup>.

No novo Código de Direito Canônico (1983), promulgado por João Paulo II, foram reconhecidas situações nas quais o pároco deve prestar particular atenção aos exilados e àqueles que estão enfrentando dificuldades particulares (Can. 529 § 1). Existem também circunstâncias nas quais é necessário intervir com cuidados pastorais específicos para migrantes, exilados, fugitivos, nômades, navegadores (Can. 568). No cumprimento de suas funções de Pastor de diocese, o bispo é chamado a cuidar daqueles que não podem usufruir suficientemente da ação pastoral ordinária ou que são totalmente privados dela (Can. 771 § 1). A criação de um vicariato episcopal é prevista também em relação aos fiéis de um certo rito, ou de um grupo de pessoas (Can. 476). O Can. 564, por fim, prevê a

<sup>27</sup> GASDA, Globalização e migração: implicações ético-teológicas, in *Perspectiva Teológica*, 41, 2009, p. 202.

nomeação de um capelão para os migrantes, inclusive para as categorias de mobilidade humana (Can. 568).

A Carta Apostólica sobre o Apostolado do Mar, *Stella Maris*, também escrita por João Paulo II, em 1997, atendia às exigências de uma assistência religiosa peculiar, da qual as pessoas e grupos que trabalham no comércio marítimo ou na pesca necessitam. As suas famílias, trabalhadores portuários e viajantes marítimos teriam a direção do capelão nesse contexto.

O documento de 1993 do Pontifício Conselho para os migrantes e itinerantes, intitulado *Refugiados: um desafio à solidariedade*, convidou a comunidade cristã a superar o medo e a desconfiança para com os refugiados e a não os considerar como uma ameaça à identidade cultural e ao bem-estar. Foi uma chamada à acolhida e ao processo incessante de formar um povo capaz de celebrar a sua unidade na diversidade. De fato, benevolência, respeito, confiança e partilha exprimem concretamente uma cultura de solidariedade e aceitação. Na verdade, o drama da migração, no início do séc. XXI, é uma das muitas formas de violência contra os desprotegidos causadas pelo capitalismo global, frequentemente denunciado pelo Magistério social da Igreja<sup>28</sup>.

O Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, com a instrução *Erga Migrantes Caritas Christi*, publicada em 2004, reiterou a necessidade de gestos de acolhida e orientação para uma educação solidária e aberta ao estrangeiro, de modo que a migração se torne uma realidade sempre mais significativa para a Igreja e, desse modo, os fiéis comecem a descobrir as sementes do Verbo presente em diversas religiões (n. 96). Esse documento teve que enfrentar outra fase que surge já no horizonte, quando a resposta da Igreja assume diversas sensibilidades e modalidades, não limitadas à sua função religiosa e pastoral voltada para os católicos, mas também dedicada a acompanhar a assistência humana e social dos novos migrantes.

O Papa Bento XVI ensinou sobre a migração, quando considerou, em 2007, na encíclica *Caritas in Veritate* (n. 62), que o tema da migração é impressionante por causa do número de pessoas envolvidas, dos problemas sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos que suscita e, também, pelos dramáticos desafios que traz à comunidade nacional e internacional, como um fenômeno social de época. Esse fato humano global requer uma política de cooperação internacional em estreita colaboração com os países de origem e destino, acompanhada por uma regulamentação internacional adequada, capaz de harmonizar os vários sistemas legislativos, de forma a salvaguardar as exigências e os direitos das pessoas e famílias emigrantes e, ao mesmo tempo, as da sociedade aonde chegam. De fato, nenhum país pode se considerar capaz de enfrentar sozinho os problemas de migração. Bento XVI criticou aqueles que consideram os trabalhadores como meras mercadorias, mera força de trabalho e são tratados como um fator de produção qualquer. Destaca que o migrante é uma pessoa humana e, como tal, possui direitos fundamentais inalienáveis, que devem ser respeitados por todos e em qualquer situação.

O Papa Francisco, em 2013, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, chama atenção às novas formas de pobreza e fragilidade nas quais somos chamados a reconhecer o Cristo sofredor, de modo particular nos migrantes. Francisco afirma que eles “me representam um desafio particular porque sou Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso exorto os Países a uma generosa abertura, que ao invés de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais” (*Evangelii Gaudium*, n. 210).

Foi significativo, no pontificado de Francisco, a sua viagem à ilha de Lampedusa, transformada em uma fronteira entre Europa e África por escolha dos soberanos<sup>29</sup>, onde o Papa pronunciou um discurso profundamente existencial e profético:

<sup>28</sup> GASDA, Globalização e migração: implicações ético-teológicas, p. 201.

<sup>29</sup> CUTTITTA, Paolo, *Lampedusa tra protezione e rappresentazione del confine*, in REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 31-45, jan./jun. 2015, p. 31.

Quem é responsável por esse sangue? (...) Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este? Quem chorou pela morte desses irmãos e irmãs? Quem chorou por essas pessoas que estavam no barco? Pelas jovens mães que traziam seus filhos? Por esses homens que queriam algo para sustentar suas famílias? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar (...). Peçamos ao Senhor a graça de chorar nossa indiferença, de chorar a crueldade que existe no mundo, em nós, e naqueles que no anonimato tomam decisões socioeconômicas que abrem o caminho para dramas como este<sup>30</sup>.

Na carta Encíclica *Laudato Si* (n. 25), Francisco amplia a reflexão e aborda as mudanças climáticas que provocam a migração de animais e plantas que nem sempre conseguem se adaptar; e isso, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são também obrigados a emigrar. É trágico o aumento dos emigrantes que fogem da miséria agravada pela degradação ambiental e que, não sendo reconhecidos como refugiados pelas convenções internacionais, carregam o peso de sua vida, abandonados e sem nenhuma norma que os proteja.

Francisco também vincula na *Laudato Si* a questão da imigração às consequências dos cereais transgênicos (n. 134), ao constatar a concentração de terra produtiva nas mãos de poucos, causada pelo desaparecimento progressivo de pequenos produtores, que, por conta da perda de terras cultivadas, viram-se obrigados a abandonar a produção direta, tornando-se trabalhadores precários e enfim migrando para aglomerações miseráveis de cidades. Assim como Bento XVI, Francisco propõe a estrada da diplomacia para promover estratégias internacionais e prevenir os problemas mais graves que acabam atingindo a todos.

## O apostolado universal e sinodal a respeito do tema da migração

A necessidade de apresentar uma proposta palotina sobre o tema da migração nos leva ao conceito de apostolado universal e sinodalidade, que se inicia na história da Associação internacional União do Apostolado Católico em 1834 com um grupo colaborativo<sup>31</sup>. Essa data é indicada pelo próprio São Vicente Pallotti, quando, no seu testamento espiritual, revisa as etapas do seu desenvolvimento<sup>32</sup>. Pallotti, para manter viva a fé cristã no povo de Roma, considerou indispensável a colaboração dos eclesiásticos, dos religiosos e dos leigos. Formou-se, então, um grupo de clérigos e leigos, que, no ano de 1835, recebeu a aprovação eclesiástica para suas obras apostólicas<sup>33</sup>.

Segundo Pallotti, o ministério da propagação da fé, por sua natureza própria, pede que, junto à pregação do Evangelho, sejam celebrados todos os ministérios, os ritos e todas as práticas religiosas que existem na Igreja Católica. Todos são chamados a cooperar para a maior glória de Deus<sup>34</sup>.

Essa imagem do apostolado universal é a mesma que o apóstolo Paulo evoca da Igreja como Corpo de Cristo, a fim de expressar tanto a unidade do organismo quanto a diversidade dos seus membros. Como, de fato, no corpo humano todos os membros são necessários na sua especificidade, assim na Igreja todos gozam da mesma dignidade em virtude do Batismo (cf. Gl 3,28; 1Cor 12,13). Todos são corresponsáveis pela vida e missão da comunidade (cf. 1Cor 15,45) e, desse modo, a UAC “é uma comunhão de fiéis que, unidos com Deus e entre si, conforme o carisma de São Vicente Pallotti,

<sup>30</sup> FRANCESCO, *Chi ha pianto oggi nel mondo?*, in *L'Osservatore Romano*, anno CLIII, n. 55 (46.399), lunedì-martedì 8-9 luglio 2013, p. 1.

<sup>31</sup> GERALDO, Denilson, *La sinodalità nell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, in *Apostolato Universale*, n. 47/2018, p. 31-32.

<sup>32</sup> SAN VINCENZO PALLOTTI, *Opere complete* (OCC), a cura di Francesco Moccia SAC, Roma, 1964-1997, vol. III, p. 1-2.

<sup>33</sup> SOCIETÀ DELL'APOSTOLATO CATTOLICO – COMMISSIONE STORICA, *Storia della Società dell'Apostolato Cattolico*, Editrice SAC, Roma, 2016, p. 13.

<sup>34</sup> OCC VII, 241.

promovem a corresponsabilidade de todos os batizados a reavivar a fé, reacender a caridade na Igreja e no mundo, e levar todos à unidade em Cristo”<sup>35</sup>.

A sinodalidade, outra expressão do carisma palotino, revela a dimensão social, histórica e missionária da Igreja<sup>36</sup>, que vive através do espaço nas diversas Igrejas Locais e caminha através do tempo desde a Páscoa de Jesus até a sua *parusía*. A forma sinodal do seu caminho manifesta e promove o exercício da comunhão em cada uma das Igrejas Locais peregrinas e, por meio dessas, na única Igreja de Cristo. A sinodalidade é “uma dimensão constitutiva da Igreja porque Igreja e Sínodo são sinônimos, porque a Igreja nada mais é do que o caminhar junto ao Rebanho de Deus pelos caminhos da história ao encontro do Cristo Senhor”<sup>37</sup>. Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta. Assim Deus se faz presente neste mundo através do testemunho dos cristãos.

Na realidade, a sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão e todo o Povo de Deus é o sujeito do anúncio do Evangelho. Nele, cada batizado é convocado a ser protagonista da missão, uma vez que todos são discípulos missionários. Podemos dizer também que o apostolado universal e a sinodalidade se encontram no carisma palotino como uma forma autêntica de testemunho atualizado do Evangelho.

O Estatuto da UAC segue essa perspectiva, afirmando que “a igual dignidade dos membros da União se fundamenta na comum semelhança ao Criador e no comum sacerdócio do Povo de Deus. Ela se exprime em uma pluralidade de vocações – à vida leiga, à vida consagrada e ao ministério ordenado – de tal modo ligadas que cada uma ajuda a outra a estar atenta ao crescimento contínuo e a prestar o próprio serviço específico”<sup>38</sup>.

Voltando ao tema principal (a migração), no curso da história a comunidade eclesial criou estruturas para a prática da hospitalidade, refúgio para viajantes e hospitais para peregrinos doentes, sem deixar de ajudar os pobres, inclusive os migrantes, refugiados e itinerantes, tudo como elemento essencial da fé cristã. De fato, por meio de sua encarnação, Cristo se uniu a cada ser humano e tratou da mesma forma todas as pessoas, em particular o último entre todos, que é o estrangeiro<sup>39</sup>.

A migração dos últimos anos assumiu uma dimensão global e representa um desafio não somente aos líderes políticos, mas também à Igreja, que, de um lado, está envolvida no cuidado pastoral com os migrantes católicos, mas, por outro, enfrenta a questão de como lidar com os fiéis de outras religiões que esperam ser ajudados até que formem suas comunidades<sup>40</sup>.

As associações sinodais – a UAC é uma associação pública internacional (cf. Can. 298-320 e 327-329), constituída por fiéis de cada estado e vocação, erigida pela Santa Sé e regulada conforme as normas do Código de Direito Canônico e os artigos do seu Estatuto<sup>41</sup> – oferecem uma resposta providencial à dramática situação da migração que tantas vezes reduz as pessoas envolvidas a um número. A UAC é uma possibilidade, pela sua natureza de apostolado universal e sinodal, de ajudar a abrir o tema a amplas relações sociais e eclesiais.

<sup>35</sup> UNIONE DELL’APOSTOLATO CATTOLICO, *Statuto Generale*, Roma, 2008, n. 1.

<sup>36</sup> COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, n. 49.

<sup>37</sup> FRANCESCO, *Discorso per la Commemorazione del 50° anniversario dell’istituzione del Sinodo dei Vescovi*, 17 ottobre 2015.

<sup>38</sup> UAC, *Statuto dell’UAC*, n. 7.

<sup>39</sup> PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI & PONTIFICIO CONSIGLIO COR UNUM. *Accogliere Cristo nei rifugiati e nelle persone forzatamente sradicate: orientamenti pastorali*, Città del Vaticano, 2013, p. 8-13, in [http://ottezme.net/roman\\_curia/pontifical\\_councils/corunum/corunum\\_it/pubblicazioni/Rifugiati-2013-ITA.pdf](http://ottezme.net/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_it/pubblicazioni/Rifugiati-2013-ITA.pdf)

<sup>40</sup> KÖPPEL, U., *Elementi per una “teologia biblica della migrazione” e le aspettative rivolte alla Chiesa*, in REMHU – *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV (2007), n. 28, p. 193.

<sup>41</sup> UAC. *Statuto dell’UAC*, n. 8.

O primeiro nível do exercício da sinodalidade acontece na Igreja particular. Nela se realiza uma especial manifestação da Igreja na participação plena e ativa de todo o Povo santo de Deus. Na Igreja particular, o testemunho cristão se encarna em situações humanas e sociais específicas, permitindo uma atuação incisiva das estruturas sinodais a serviço da missão<sup>42</sup>.

Jacob Nampudakam, Reitor Geral da Sociedade do Apostolado Católico e garante da fidelidade ao carisma Palotino<sup>43</sup>, acredita que não temos tempo de nos concentrar em nossos interesses pessoais, mas devemos escutar o clamor do povo de Deus em qualquer parte do mundo. A União não é um clube de luxo, mas um grupo de fiéis que se associa ao serviço da missão da Igreja, concretamente e não somente em palavras<sup>44</sup>.

Nessa perspectiva, o trabalho da Igreja, de natureza social e religiosa, com os migrantes tem uma dimensão ecumênica. Note-se que é uma “dimensão” e não “outra coisa qualquer”. Porque não existe uma pastoral ecumênica na Igreja, nem o ecumenismo é um setor ou algo de secundário em relação à missão evangelizadora. O ecumenismo é uma perspectiva ou dimensão de cada ação da Igreja, que compreende obviamente o cuidado pastoral dos migrantes. O mesmo se pode dizer do diálogo inter-religioso<sup>45</sup>.

Em um mundo marcado pela diversidade dos povos e pela variedade de culturas, “caminhar junto” é fundamental para dar credibilidade e eficácia às iniciativas de solidariedade, de integração, de promoção da justiça e para mostrar em que consiste a cultura do encontro e da gratuidade. A prática do diálogo e a busca de soluções compartilhadas, de modo especial sobre a migração, representam uma clara prioridade, inserindo a inspiração dos princípios da doutrina social nos processos sociais. Nenhuma vocação no interior da Igreja pode ficar de fora desse dinamismo comunitário de saída e de diálogo e, por isso, todo esforço de acompanhamento é chamado a medir-se nesse horizonte, reservando uma atenção privilegiada aos mais pobres e aos mais vulneráveis. A inclusão social dos pobres faz da Igreja a casa da caridade<sup>46</sup>.

## Conclusão

O apostolado com os migrantes está enraizado em Cristo, sendo Ele um migrante e alguém que acolheu os migrantes. Para os cristãos, trabalhar com esse apostolado é uma exigência do Evangelho, e deles serão pedidas contas no Juízo final se os migrantes foram acolhidos ou não (Mt 25,38). A experiência de São Vicente Pallotti, que foi concretizada com a formação de uma comunidade italiana e a construção do templo em Londres, mostra que os migrantes têm necessidade de um espaço, de um lugar para as suas atividades comunitárias e sociais.

Em diversas situações, o apostolado com os migrantes exige que a comunidade tenha seu templo material e não somente um lugar para celebrar a Missa. Em torno desse templo se desenvolverão as atividades sacramentais e espirituais, a formação cristã e humana, bem como diversos trabalhos sociais necessários para uma comunidade de migrantes. Podemos dizer que São Vicente Pallotti deu uma resposta adequada às exigências do apostolado com os migrantes. A adequação da resposta foi confirmada pelo Papa Pio XII na *Exsul Familia*, onde ele elogiou o beato Vicente Pallotti em referência à igreja de Londres.

<sup>42</sup> COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, n. 77.

<sup>43</sup> UAC. *Statuto dell'UAC*, n. 5.

<sup>44</sup> NAMPUDAKAM, Jacob, *The ecclesiastical and social compromise for the UAC*, in *Rivista “Apostolato Universale”*, n. 46/2018, p. 145.

<sup>45</sup> WOLFF, E. *Fluxos migratórios, ecumenismo e missionariedade*, in *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XV - Número 28 – 2007, p. 131.

<sup>46</sup> SINODO DEI VESCOVI, *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2018, n. 126, 127, 137.

O magistério pontifício empreendeu um caminho de amadurecimento e desenvolvimento do apostolado com os migrantes, considerando tanto a necessidade espiritual da comunidade quanto a material e social, como São Vicente Pallotti já havia realizado no séc. XIX. Entretanto devemos destacar duas características do apostolado atual com os migrantes: a visão ecumênica e o diálogo inter-religioso e a acolhida da comunidade à qual chegam novos migrantes.

O primeiro aspecto, sobre a visão ecumênica ou o diálogo inter-religioso, nos mostra que a comunidade cristã está em contato com a realidade humana e suas exigências antropológicas. Não é possível um apostolado com os migrantes dedicado somente aos católicos, as exigências antropológicas são uma obrigação que vem da fé cristã. Não é somente uma opção pastoral, uma vez que ser cristão, como nos ensina o Senhor, é estar em diálogo com o ser humano e suas exigências.

Um segundo aspecto é a acolhida da comunidade, seja para receber um sacerdote de outro país, seja para receber todas as pessoas que frequentarão a comunidade. Nesse sentido, a abertura da igreja local à acolhida – como a primeira comunidade cristã – é uma oportunidade para uma nova síntese social e eclesial. O medo do desconhecido põe freios à síntese e cria muros que separam realidades diversas. Uma igreja paroquial administrada por um pároco estrangeiro para uma comunidade de migrantes, mas também aberta à comunidade local, é uma riqueza para a igreja local. Entretanto, essa possibilidade não isenta as outras paróquias de possuir também elas um apostolado com os migrantes. Todos, portanto, são chamados a se envolver, porque o apostolado com os migrantes faz parte do ser cristão.

A União do Apostolado Católico, uma associação de fiéis formada por leigos, religiosos e sacerdotes, criada por São Vicente Pallotti, possui todos os requisitos para ajudar a igreja local e a comunidade a se abrir para um apostolado universal e sinodal. A característica da sinodalidade, no caso específico da migração, é a consciência de que a resposta eclesial e social para a realidade da migração somente será possível por meio do diálogo, da escuta, da oração e do convívio. Nesse sentido, a UAC – como queria São Vicente Pallotti – é um instrumento para reavivar a fé e reacender a caridade.

## Referências

BENGOGLIO, Gabriele. Nuovo Testamento in *“Migrazioni: dizionario socio-pastorale”*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 2010.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2018.

CUTTITTA, Paolo. Lampedusa tra protezione e rappresentazione del confine, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, ano XXIII, n. 44, jan./jun. 2015, p. 31-45.

FONTANA, Alejandro. *Los Padres palotinos en Uruguay: 1886-2005 - 120 años de historia*, Letraeñe Imprenta y Serigrafía, Montevideo 2007.

FRANCESCO. Chi ha pianto oggi nel mondo?, in *“L’Osservatore Romano”*, anno CLIII, n. 55 (46.399), lunedì-martedì 8-9 luglio 2013.

FRANCESCO. *Discorso per la Commemorazione del 50° anniversario dell’istituzione del Sinodo dei Vescovi*, 17 ottobre 2015.

GASDA. Globalização e migração: implicações ético-teológicas, *Perspectiva Teológica*, 41, 2009, p. 189-203.

- GERALDO, Denilson. La sinodalità nell'Unione dell'Apostolato Cattolico. *Rivista Apostolato Universale*, n. 47, p. 25-46, 2018.
- GERALDO, Denilson. La solidarietà pallottina con i migranti. *Rivista Apostolato Universale*, n. 49, p. 23-48, 2019.
- GERALDO, Denilson. Migração e Teologia: o Ethos Cristão, in *Refugiados, imigrantes e igualdade dos povos: estudos em homenagem a António Guterres*, Editora Quartier Latin do Brasil, São Paulo, 2017, p. 507-514.
- HETTENKOFER, Johannes, *História da Pia Sociedade das Missões (1835-1909)*, tradutores Pe. Humberto Geller e Pe. Bernardino Trevisan, Biblos Editora, Santa Maria 2003, p. 165-166.
- KÖPPEL, U. Elementi per una "teologia biblica della migrazione" e le aspettative rivolte alla Chiesa, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV (2007), n. 28, p. 181-195.
- KUPKA, Jan. Rapporti tra Scalabriniani e Pallottini, appunti per la storia dei legami, in *L'ecclesiologia di Scalabrini. Atti del II convegno storico internazionale - Piacenza, 9-12 novembre 2005*, a cura di Gaetano Parolin e Agostino Lovatin, Urbaniana University Press, Città del Vaticano 2007, p. 481-507.
- KUPKA, Jan. Pallotti (san) Vincenzo e la missione dei Pallottini per i migranti, in *Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*, a cura di Graziano Battistella, Edizioni S. Paolo, Cinisello Balsamo, 2010.
- NAMPUDAKAM, Jacob. The ecclesiastical and social compromise for the UAC, in *Rivista Apostolato Universale*, n. 46/2018, p. 143-147.
- PISTELLA, Domenico. *San Vincenzo Pallotti e gli emigranti*, in *L'Emigrato italiano*, 52a annata, n. 1, gennaio 1963, Tip. V. Ferri, Roma 1963, p. 17-18.
- PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI & PONTIFICIO CONSIGLIO COR UNUM. *Accogliere Cristo nei rifugiati e nelle persone forzatamente sradicate: orientamenti pastorali*, Città del Vaticano, 2013, p. 8-13, in [http://ottezme.net/roman\\_curia/pontifical\\_councils/corunum/corunum\\_it/pubblicazioni/Rifugiati-2013-ITA.pdf](http://ottezme.net/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_it/pubblicazioni/Rifugiati-2013-ITA.pdf)
- SAN VINCENZO PALLOTTI. *Opere complete*, a cura di Francesco Moccia SAC, Roma, 1964-1997, vol. III, VII.
- SANTA SEDE. *Annuario pontificio per l'anno 2005*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 1449.
- SCAIOLA, D. Donne migranti o straniere: Re-interpreti della fede d'Israele, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV - Número 29 – 2007, p. 163-179.
- Scalabrini, New York, 28 ottobre 1887, in S. Tomasi – G. Rosoli, *Scalabrini e le migrazioni moderne*, Società Editrice Internazionale, Torino 1997.
- SINODO DEI VESCOVI - XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA, Documento finale: *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale*, Editrice Vaticana, Roma, 2018.

SOCIETÀ DELL’APOSTOLATO CATTOLICO – COMMISSIONE STORICA. *Storia della Società dell’Apostolato Cattolico*, Editrice SAC, Roma, 2016.

STAMPIGLIA, Fausto. *La pastorale degli emigranti, termini di un’esperienza dei sacerdoti pallottini in America*, Pontificia Studiorum Universitas a S. Thomas Aq., in Urbe, Romae 1979, p. 226.

TASSELLO, Giovanni. Pastoral dei migranti, in *Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*, Edizioni S. Paolo, Cinisello Balsamo 2010, pp. 794-806.

TODISCO, Francesco. *San Vincenzo Pallotti profeta della spiritualità di comunione*, Roma 2004.

UETI, P. Só na busca há o encontro: mobilidade humana como caminho espiritual, in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XIV - números 26-27, 2006, p. 239-265.

UNIONE DELL’APOSTOLATO CATTOLICO. *Statuto Generale*, Roma, 2008.

WOLFF, E. Fluxos migratórios, ecumenismo e missionariedade, in *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV - Número 28 – 2007, p. 127-148.

Recebido em 22/10/2020

Aceito em 10/08/2021

*Received 10/22/2020*

*Approved 08/10/2021*